

Seminário Aberto

Hermenêutica da Literatura e Tradução

2.5.

Hermenêutica, Feminismo e Tradução

[Burghard Baltrusch](#)

2021



I Cátedra Internacional
José Saramago
Universidade de Vigo



Modernidade do Século das Luzes — a Promessa da Razão

Razão é instituída como

- critério de legitimação teórica e científica;
- critério para descrever a convivência social;
- substituição do dogma e da superstição (conflito e opressão) pelas ideias de felicidade e harmonia.





Charles-Nicolas Cochin e Bonaventure-Louis Prévost: Frontispício da *Encyclopédie* (1772). Figura do centro representa a verdade, duas outras figuras à direita, a razão e a filosofia, estão a retirar o manto sobre a verdade.

Immanuel Kant (1724-1804)



O conhecimento humano é limitado:

- a) Mundo é constituído por fenómenos transmitidos pelos sentidos, de forma subjectiva.
- b) Não temos acesso directo à objectividade das “coisas em si”.

Crítica da razão kantiana preparou:

- A hermenêutica romântica.
- A ideia que o pensamento e conhecimento humanos dependem do contexto histórico.

O sublime — reservado ao masculino

Interacção entre racionalização e imaginação do sublime ao longo dos séculos:

- Alegoria das relações dos sexos no sistema patriarcal.

Teorias sobre o sublime no século XVIII (William Burke, Immanuel Kant, Friedrich Schiller):

- Partem de uma polarização dos géneros.
- Estereótipos associados aos géneros através das antinomias cultura-natureza, alma-corpo, racionalidade-emoção, força-fraqueza, etc.

Kant:

- Feminino associado à beleza e à natureza.
- O sublime se caracteriza pela superação do belo, do corpo e da natureza.



Capacidade reservada ao princípio masculino.

Freeman, Barbara Claire (1995). *The Feminine Sublime - Gender and Excess in Women's Fiction*. Berkeley et al.: University of California Press.

Zylinska, Joanna (1998). "The Feminine Sublime between Aesthetics and Ethics", *Women – A Cultural Review* 1, 97-105.

— 2001. "Sublime Speculations: The Economy of the Gift in Feminist Ethics", *J-Spot – Jornal of Social and Political Thought*, vol. 1, 3, 1-21

Sujeito, Igualdade, Razão



Conceitos fundamentais do pensamento filosófico, político e social da modernidade desde o Século das Luzes.

A **razão prática** parte de duas presuposições relacionadas:

1. Igualdade dos seres humanos é natural, porque são entes racionais.
2. A desigualdade social não é natural mas artificial, criada pelos seres humanos.

O projecto do Século das Luzes

Trazer justiça, reconhecimento do sujeito e igualdade.

Modernização dos:

- Discurso teórico.
- Discurso político.
- Discurso ideológico.

As grandes promessas:

- Total renovação não só da política mas também da ética.
- Fundar a justiça num princípio imanente ao ser humano: a razão.

Problemas:

- **O que é o racional?**
- **Quem são os sujeitos racionais?**



Incongruências ético-políticas da modernidade — o surgimento da hermenêutica feminista

No Século das Luzes, não qualquer pessoa era considerada digna de ser um **sujeito**, excluía-se:

quem não tinha propriedade, quem não era branco, quem não era cristão, etc.

Mas a **1ª razão de exclusão** era

ser mulher.

Surgimento da reflexão hermenêutica feminista.

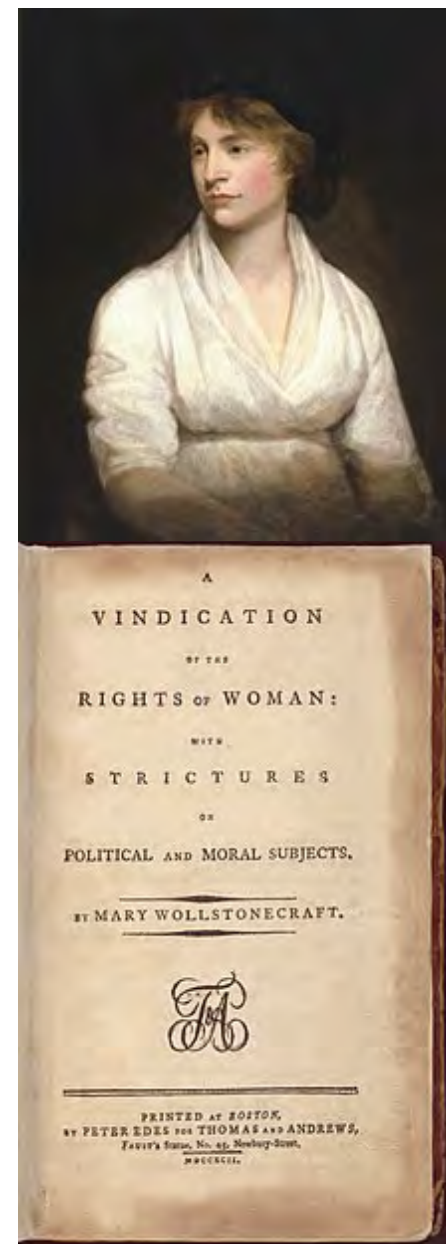
Mary Wollstonecraft (1759-1797)

1792: *Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher*.

Uma das primeiras obras da filosofia feminista.

Desvela as contradições internas do discurso ilustrado em relação à mulher.

Analiza, entre outros, os textos de Rousseau, concretamente o livro *Emílio, ou Da Educação* (1762).



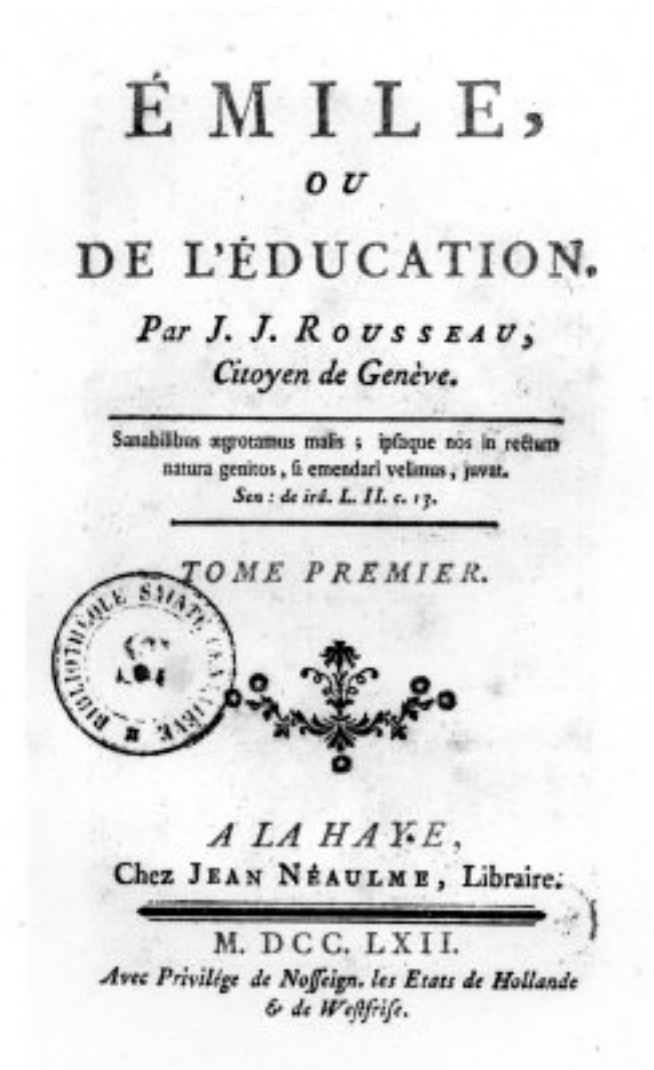
Jean-Jacques Rousseau: *Emílio, ou Da Educação* (1762)

Rousseau: “*Emílio* foi a melhor e a mais importante de todas as minhas obras”.

Primeiro tratado sobre filosofia da educação.

História do jovem Emílio e do seu tutor ilustra como se deve educar ao **cidadão ideal**.

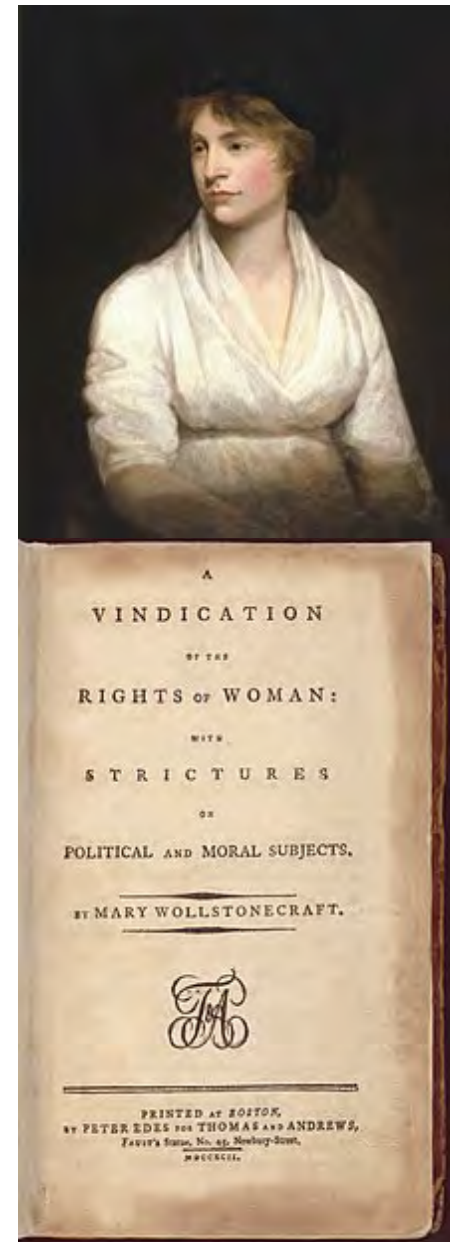
Propõe um sistema educativo que permita ao “**homem natural**” conviver com uma sociedade corrupta.



Mary Wollstonecraft: *Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher* (1792)

Mostra e critica como Rousseau, apesar de descrever o ser humano como ente racional, e sem dar explicação, desqualifica a racionalidade das mulheres.

Como Rousseau condena a mulher à subordinação, a algo que não admite para nenhum homem.



Nascimento da “hermenêutica crítica feminista” (Serret)

Duas origens:

1. A partir do interior da filosofia política (Wollstonecraft, entre outras).
2. Desde o activismo, especialmente na Revolução francesa (1798) e, mais tarde, na Comuna de París (1871).

Hermenêutica crítica feminista mostra como o discurso moderno tratou de legitimar a subordinação das mulheres.

Cf. Estela Serret (1999): “Hermenêutica y feminismo. Por qué es interdisciplinaria la teoría de género”, Itzapalapa 25, 17-26.



Louise Michel (1830-1905)

Professora, poeta, enfermeira, escritora, anarquista, grande figura revolucionária libertária.

Combate em defesa da Comuna de Paris.

Sentenciada à morte, desafia o tribunal e reivindica o direito ao assassinato do juiz que condenou os seus camaradas à morte.

Por medo a uma reacção popular, a pena não é comutada.

Deportada à Nova Caledônia em 1873, onde exerce de professora e compila cantos e lendas dos nativos, cuja revolta apoia.

Regressa em 1880 e continua a sua actividade política.



Incongruência ético-política da modernidade — as grandes contradições no discurso ilustrado

1ª premissa falsa

Ilustração estabelece a igualdade natural entre os seres humanos.

< >

Mas as mulheres são inferiores como gênero por causa das suas características biológicas (cf. discurso tradicional).

2ª premissa falsa

Reino da natureza foi criado de forma racional e em igualdade geral.

< >

Mas as mulheres têm uma natureza diferente, não baseada na igualdade mas na necessidade (cf. discurso tradicional).

Conclusão falsa a partir de premissas falsas:

As mulheres têm uma dupla excepcionalidade que justificaria a sua subordinação: **natureza anômala** e **condição de sujeito marginal**.

Exercício hermenêutico feminista — 1

Desconstrução do discurso ilustrado e patriarcal:

- Revelar as suas contradições lógicas, éticas e políticas.

Discurso ilustrado reagiu com sofismas:

- *Mulher = Natureza.*
- Mulheres atrapadas num estado anterior à formação do sujeito pleno com capacidades políticas.

Devido a estes e muitos outros sofismas, a **hermenêutica feminista** não só desenvolveu

- uma **crítica ética** mas também
- uma **dimensão explicativa.**

Exercício hermenêutico feminista — 2

Perspectiva principal da hermenêutica feminista inicial:

- Menos teórica do que crítica.

Reinterpretação crítica de uma questão historicamente oculta:

- Subordinação da mulher.

Método:

- Desconfiar das explicações tradicionais, comuns, canónicas.

Objectivo:

- Chegar a uma nova explicação da origem da desigualdade.
- Não é por causa da lógica da natureza/biologia mas do poder.

Feminismo — uma prática hermenêutica crítica por excelência 1

Intrinsecamente **transdisciplinario e polivalente**:

- Faz parte de filosofia, antropologia, economia, história, sociologia, psicologia, arte, literatura, etc.
- Interpreta e questiona os fundamentos destas disciplinas.
- Coloca perguntas éticas, explicativas, descritivas em todas elas.
- Pode ser mais teórico ou mais analítico.

Como prática hermenêutica crítica, tornou-se muito diversa ao longo dos séculos.

Feminismo — uma prática hermenêutica crítica por excelência 2

- Feminismo não é uma metalinguagem superior às linguagens disciplinares.
- Também não é propriamente uma linguagem, um método ou uma disciplina.
- É uma perspectiva crítica e uma atitude hermenêutica que parte do facto histórico da desigualdade.
- É uma perspectiva epistemológica que propõe que qualquer disciplina se oriente por referências éticas e políticas de igualdade.

Feminismo ilustra de forma paradigmática:

- Como toda a interpretação transforma até o sentido profundo das coisas.
- Como toda a tradução transforma o (suposto) original.

Mas o que é, então, a reflexão feminista?

1. Posição política desde a que se praticam exercícios filosóficos, científicos, humanísticos, etc. Não é em si uma teoria.
2. É uma teoria, porque delimita um objecto de estudo (nas ciências) e um núcleo problemático (nas letras).
3. Prática teórico-metodológica que subverte todas as pressuposições políticas e as correspondentes epistemologias.
4. É uma componente idissociável de toda a prática hermenêutica e crítica.
5. É todas as explicações anteriores ao mesmo tempo, entre outras possíveis.

Enfim, é uma **forma de reflexão radicalmente transdisciplinar e polivalente**.

Bibliografía

Alcoff, L. y E. Potter 1993. *Feminist Epistemologies*, Routledge, Nueva York.

Bachelard, G. 1981. *El nuevo espíritu científico*, Nueva Imagen, México.

Condorcet, et al. 1993. *La Ilustración olvidada. La polémica de los sexos en el siglo XVIII*, edición de Alicia Puleo, presentación de Celia Amorós, Anthropos, Barcelona.

Freeman, Barbara Claire 1995. *The Feminine Sublime - Gender and Excess in Women's Fiction*. Berkeley et al.: University of California Press.

Serret, Estela 199.: "Hermenêutica y feminismo. Por qué es interdisciplinaria la teoría de género", Itzapalapa 25, 17-26.

Van Parijs, P. 1981. *Evolutionary Explanation in the Social Sciences. An Emerging Paradigm*, Tavistock, Londres y Nueva York.

Von Wright, G.H. 1979. *Explicación y comprensión*, Alianza Universidad, Madrid.

Wollstonecraft, M. 1992. *Vindication of the Rights of Women*, University of Toronto Press, Toronto.

Zylinska, Joanna 1998. "The Feminine Sublime between Aesthetics and Ethics", *Women – A Cultural Review* 1, 97-105.

— 2001. "Sublime Speculations: The Economy of the Gift in Feminist Ethics", *J-Spot – Jornal of Social and Political Thought*, vol. 1, 3, 1-21.



Português brasileiro, Catalão, Espanhol para Latinoamérica, Espanhol peninsular, Galego, Romanês, Turco, Sueco, Coreano, Holandês, Italiano, Francês, Alemão.

O original e todas as traduções foram publicadas por volta do 8 de Março de 2019. A tradução galega publica-se umas semanas antes do original.

Olga Castro (2021): “busca dunha repolitización do Dia Internacional das Mulleres” (“A tradución ao servizo do feminismo”, <https://revistas.webs.uvigo.es/index.php/viceversa/article/view/3481/3165>)

Tese 1: Uma nova onda feminista está reinventando a greve.

Tese 2: O feminismo liberal está falido. É hora de superá-lo.

Tese 3: Precisamos de um feminismo anticapitalista – um feminismo para os 99%.

Tese 4: Vivemos uma crise da sociedade como um todo – e sua causa originária é o capitalismo.

Tese 5: A opressão de gênero nas sociedades capitalistas está enraizada na subordinação da reprodução social à produção que visa ao lucro. Queremos subverter as coisas na direção certa.

Tese 6: A violência de gênero assume muitas formas, sempre enredadas nas relações sociais capitalistas. Prometemos combater todas elas.

Tese 7: O capitalismo tenta regular a sexualidade. Nós queremos libertá-la.

Tese 8: O capitalismo nasceu da violência racista e colonial. O feminismo para os 99% é antirracista e anti-imperialista.

Tese 9: Lutando para reverter a destruição da Terra pelo capital, o feminismo para os 99% é ecossocialista.

Tese 10: O capitalismo é incompatível com a verdadeira democracia e a paz. Nossa resposta é o internacionalismo feminista.

Tese 11: O feminismo para os 99% convoca todos os movimentos radicais a se unir em uma insurgência anticapitalista comum.

Hermenêutica crítica feminista —

Feminismo interseccional vs. Feminismo 'liberal'



1. Feminismo necessário para os 99% deve ser:
 - anti-capitalista, anti-racista, anti-imperialista, ecologista, em defesa dos direitos laborais e das pessoas migrantes, etc.
2. Feminismo para o 1% é:
 - o feminismo liberal, de mercado, ou mainstream.
 - Reduz a causa feminsita à progressão meritocrática de uma minoria de mulheres.

Clarice Lispector: “Cem Anos de Perdão”, *Jornal do Brasil*, 1970

Quem nunca roubou não vai me entender. E quem nunca roubou rosas, então é que jamais poderá me entender. Eu, em pequena, roubava rosas.

Havia em Recife inúmeras ruas, as ruas dos ricos, ladeadas por palacetes que ficavam no centro de grandes jardins. Eu e uma amiguinha brincávamos muito de decidir a quem pertenciam os palacetes. "Aquele branco é meu." "Não, eu já disse que os brancos são meus." **Parávamos às vezes longo tempo, a cara impressada nas grades, olhando.**



Clarice Lispector: “Cem Anos de Perdão”, *Jornal do Brasil*, 1970

Quem nunca roubou não vai me entender. E quem nunca roubou rosas, então é que jamais poderá me entender. Eu, em pequena, roubava rosas.

Havia em Recife inúmeras ruas, as ruas dos ricos, ladeadas por palacetes que ficavam no centro de grandes jardins. Eu e uma amiguinha brincávamos muito de decidir a quem pertenciam os palacetes. "Aquele branco é meu." "Não, eu já disse que os brancos são meus."

Parávamos às vezes longo tempo, a cara impressada nas grades, olhando.



1º exercício hermenêutico: Percepção de um mundo excludente.

Começou assim. Numa dessas brincadeiras de "essa casa é minha", paramos diante de uma que parecia um pequeno castelo. No fundo via-se o imenso pomar. E, à frente, em canteiros bem ajardinados, estavam plantadas as flores.

Bem, mas isolada no seu canteiro estava uma rosa apenas entreaberta cor-de-rosa-vivo. Fiquei feito boba, olhando com admiração aquela rosa altaneira que nem mulher feita ainda não era. E então aconteceu: do fundo de meu coração, eu queria aquela rosa para mim. **Eu queria, ah como eu queria.**

Começou assim. Numa dessas brincadeiras de "essa casa é minha", paramos diante de uma que parecia um pequeno castelo. No fundo via-se o imenso pomar. E, à frente, em canteiros bem ajardinados, estavam plantadas as flores.

Bem, mas isolada no seu canteiro estava uma rosa apenas entreaberta cor-de-rosa-vivo. Fiquei feito boba, olhando com admiração aquela rosa altaneira que nem mulher feita ainda não era. E então aconteceu: do fundo de meu coração, eu queria aquela rosa para mim.

Eu queria, ah como eu queria.



2º ecercício hermenêutico: Desejo de transgressão.

E não havia jeito de obtê-la. Se o jardineiro estivesse por ali, pediria a rosa, mesmo sabendo que ele nos expulsaria como se expulsam moleques. Não havia jardineiro à vista, ninguém. E as janelas, por causa do sol, estavam de venezianas fechadas. Era uma rua onde não passavam bondes e raro era o carro que aparecia. **No meio do meu silêncio e do silêncio da rosa, havia o meu desejo de possuí-la como coisa só minha.** Eu queria poder pegar nela. Queria cheirá-la até sentir a vista escura de tanta tonteira de perfume. Então não pude mais. O plano se formou em mim instantaneamente, cheio de paixão. Mas, como boa realizadora que eu era, raciocinei friamente com minha amiguinha, explicando-lhe qual seria o seu papel: vigiar as janelas da casa ou a aproximação ainda possível do jardineiro, vigiar os transeuntes raros na rua. Enquanto isso, entreabri lentamente o portão de grades um pouco enferrujadas, contando já com o leve rangido. Entreabri somente o bastante para que meu esguio corpo de menina pudesse passar. E, pé ante pé, mas veloz, andava pelos pedregulhos que rodeavam os canteiros. Até chegar à rosa foi um século de coração batendo. Eis-me afinal diante dela. Para um instante, perigosamente, porque de perto ela é ainda mais linda. **Finalmente começo a lhe quebrar o talo, arranhando-me com os espinhos, e chupando o sangue dos dedos.**

E, de repente - ei-la toda na minha mão. A corrida de volta ao portão tinha também de ser sem barulho.

Pelo portão que deixara entreaberto, passei segurando a rosa. E então nós duas pálidas, **eu e a rosa**, corremos literalmente para longe da casa.

O que é que fazia eu com a rosa? Fazia isso: **ela era minha**.

Levei-a para casa, coloquei-a num copo d'água, onde ficou soberana, de pétalas grossas e aveludadas, com vários entretons de rosa-chá. No centro dela a cor se concentrava mais e seu coração quase parecia vermelho.

Foi tão bom.

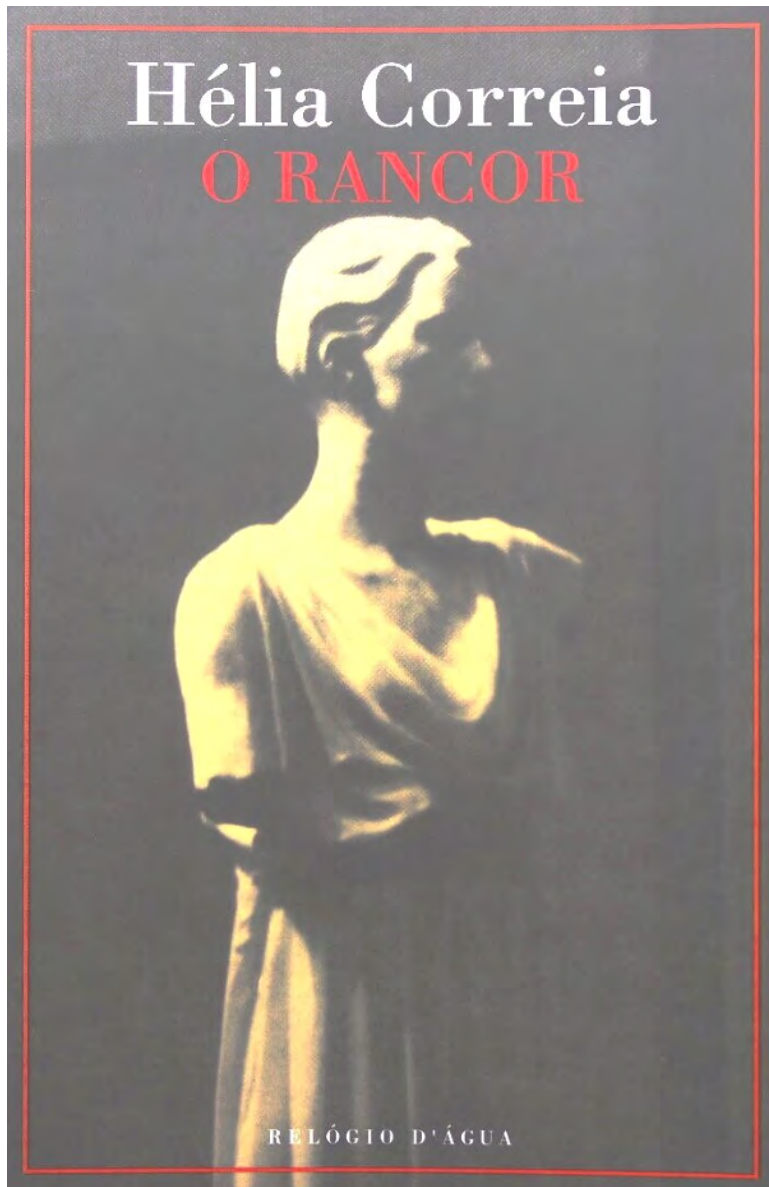
Foi tão bom que simplesmente passei a roubar rosas. O processo era sempre o mesmo: a menina vigiando, eu entrando, eu quebrando o talo e fugindo com a rosa na mão. Sempre com o coração batendo e sempre com aquela glória que ninguém me tirava.

Também roubava pitangas. Havia uma igreja presbiteriana perto de casa, rodeada por uma sebe verde, alta e tão densa que impossibilitava a visão da igreja. **Nunca cheguei a vê-la, além de uma ponta de telhado.** A sebe era de pitangueira. Mas pitangas são frutas que se escondem: eu não via nenhuma.

Então, olhando antes para os lados para ver se ninguém vinha, eu metia a mão por entre as grades, mergulhava-a dentro da sebe e começava a apalpar até meus dedos sentirem o úmido da frutinha. Muitas vezes na minha pressa, **eu esmagava uma pitanga madura demais com os dedos que ficavam como ensanguentados.**

Colhia várias que ia comendo ali mesmo, umas até verdes demais, que eu jogava fora.

Nunca ninguém soube. **Não me arrependo: ladrão de rosas e de pitangas tem cem anos de perdão.** As pitangas, por exemplo, são elas mesmas que pedem para serem colhidas, em vez de amadurecer e morrer no galho, virgens.



Tríade dramática de Hélia Correia

Perdição - Exercício sobre Antígona (1991). Cf. Sete Contra Tebas, lendas de Antígona e das Bacantes.

O Rancor - Exercício sobre Helena (2000). Cf. Guerra de Tróia, mitos de Helena, Teseu, Etra, Ifigénia, Aquiles, Ulisses e Orestes.

Desmesura - Exercício com Medeia (2006), Cf. Argonautas.



Autenticidade da rainha de Esparta, em *O Rancor*:

- A sua inteligência e astúcia, superior a dos homens.
- A sua vida emocional complexa.
- Sustenta-se em si própria e não na sua beleza corporal ou no mito.

Helena em *O Rancor* ultrapassa e supera o mito:

- Uma espécie de Ulisses no feminino.
- À procura do verdadeiro ser, do significado da história e do mito.
- Das razões e causas da desigualdade.
- Encontra a identidade na sua lucidez.

Cratera ática com a cabeça de Helena. 450-440 a. C. Louvre, Paris.



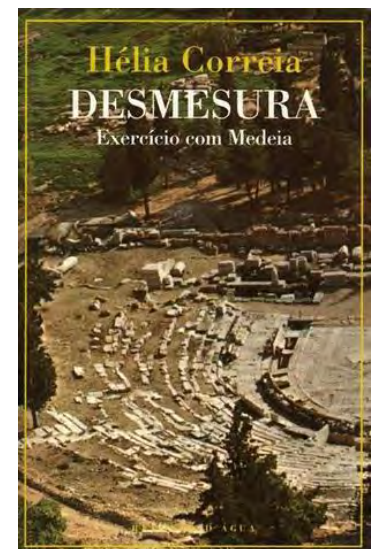
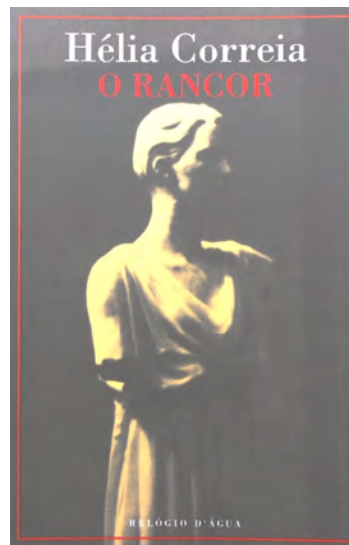
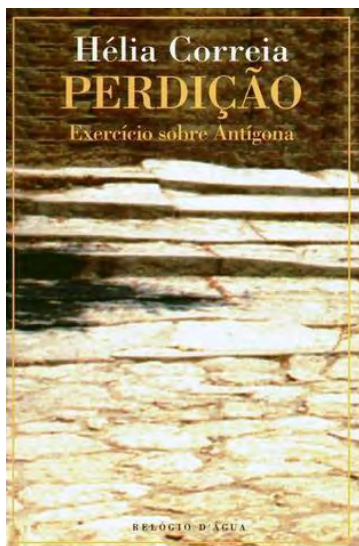
Hermenêutica crítica feminista dos mitos femininos de Hélia Correia

Heroísmo guerreiro e poder soberano, sobrevalorizados desde uma perspectiva androcêntrica.

< >

Perspectivas feministas de Antígona, Helena e Medeia transformam ambição e desejo de poder masculino de Creonte, Menelau e Jasão em armadilhas contra eles próprios.

Poder absoluto e ambição política desmesurada são ilusões e acabam em catástrofes.



Gayatri Chakravorty Spivak (1942) - 1



Teoria pós-colonial da tradução, “Can the subaltern speak?” (1988):

Em que medida, as pessoas que sofreram processos de colonização (material e intelectual) serão capazes de falar por si mesmas/os?

➡ Cf. também a história da desigualdade dos géneros.

A imagem das/os colonizados, que se projectou através da tradução, tem sido reproduzida nas culturas colonizadas e nas identidades das suas populações.

➡ Cf. também a historiografia tradicional vs. *herstory*.

Outside in the teaching machine (1993):

Produção afirmativa da tradução através do “strategic use of positive essentialism.”

➡ Cf. também a hermenêutica crítica feminista.



“Translation as Culture” (1999):

“Translation in this general sense is not under the control of the subject who is translating. Indeed the human subject is something that will have happened and as this shuttling translation, from inside to outside, from violence to conscience: **the production of the ethical subject.** [...] It is a done deal, precisely not a *future antérieur*, something that will have happened without our knowledge, particularly without our control, the subject coming into being.”

“For me, then, it is within this **open-ended nature-culture frame** that all recognizable violence of the recognizably political within the general violence of culturing can be located – in **an element of transcoding as well as translating.**”

“It is the difference between a generalizable semiotics that writes our life, and **a cultural idiom that we must honorably establish so that we can ‘perform’ it as art.**”